



ESTUDO DIRIGIDO PSI

CURSO PREPARATÓRIO CONCURSOS 2017

➤ **“Neurose e Psicose, 1924(1923)”**

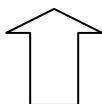


Resumo: Neurose e Psicose, 1924(1923) - Freud, S.

Em texto recente, Freud descrevera “os numerosos relacionamentos dependentes do ego, sua posição intermediária entre o mundo externo e o id e seus esforços para comprazer todos os seus senhores ao mesmo tempo”. [Obs.: tratava-se do texto “O Ego e o Id”, em que ele formula o aparelho psíquico em termos de Ego, Id e Superego – a chamada 2ª tópica – e afirma que o ego é como um vassalo de três senhores: do Id, cujas vontades ele tenta satisfazer; do mundo externo, a cujas exigências ele tenta corresponder; e do Superego, cujas exigências são múltiplas e têm a forma de um “imperativo categórico”.]

Aqui, Freud tenta aplicar este novo modelo à diferença entre a neurose e a psicose, começando por esta fórmula que ele mesmo chama de “simples”:

“a neurose é resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo



ATENÇÃO – ESTÁ É A TESE CENTRAL DO PRESENTE ARTIGO

[Primeiro ele fala da neurose:]

Todas as neuroses transferenciais se originam do fato do ego não aceitar um “impulso instintual” (moção pulsional) do id, proibir-lhe o objeto a que ela visa. O ego faz isso pela “repressão” (recalcamento). O material reprimido luta contra isso e cria, por caminhos sobre os quais o ego não tem poder, uma representação substitutiva – o sintoma. O sintoma “se impõe ao ego por uma conciliação” [é uma conciliação entre o id e a repressão]. O ego continua lutando contra este novo “intruso”, que ameaça sua unidade, e “tudo isso produz o quadro de uma neurose”.

Ao reprimir o impulso do id, o ego está seguindo as ordens do superego, que por sua vez se originam nas influências do mundo externo que encontraram representação no superego. O ego tomou partido dessas forças, cujas exigências têm para ele mais força que as do id.

“O ego entrou em conflito com o id, a serviço do superego e da realidade, e esse é o estado de coisas em toda neurose de transferência”.

[Em seguida ele fala da psicose:]

Os exemplos relativos à psicose apontam para um distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo externo. Começa pela referência a uma confusão alucinatória aguda que ele chama de a forma mais



extrema de psicose, a “amênia de Meynert”, na qual “o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito”.

[Obs.: definição de “Amênia”: alteração patológica da consciência, descrita por Meynert e também por Kraepelin, caracterizada por ser um quadro de confusão mental com diminuição do nível de consciência, excitação psicomotora, acentuada incoerência do pensamento, perplexidade, sintomas alucinatórios oniróides.]

O mundo externo governa o ego de duas maneiras: pelas percepções atuais e presentes; e pelas lembranças armazenadas, que, sob a forma de um “mundo interno”, são uma parte do ego. Nessa forma de extrema de confusão alucinatória que é a amênia, ambas perdem sua significação, sua catexia (investimento). **“O ego cria, autocraticamente, um novo mundo externo e interno”, que “é construído de acordo com os impulsos desejosos do id”. O motivo dessa dissociação do mundo externo, diz Freud, “é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece intolerável”.**

Freud menciona outras formas de psicose, como as esquizofrenias, que tendem a “acabar em uma hebetude afetiva”, isto é, em uma “perda de toda participação do mundo externo”. Também quanto aos delírios:

“o delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo”. O conflito com o mundo externo, diz Freud, nem sempre é tão claramente observável porque é com frequência recoberto “por manifestações de uma tentativa de cura ou uma reconstrução”

[Obs.: na análise teórica do caso Schreber, Freud postulava que o delírio, que aparece como fenômeno patológico, é na verdade uma tentativa de reconstrução das relações do sujeito com o mundo externo.]

[Concluindo, Freud coteja as duas, a neurose e a psicose:]

A etiologia comum ao início de uma “psiconeurose” (neurose) e uma psicose é a mesma: uma frustração ou não-realização de um desejo da infância – sempre uma frustração externa, mas que “pode proceder do agente interno (superego) que assumiu a representação das exigências da realidade”. Se o ego permanecer fiel à sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o id, produz-se uma neurose; se o ego se deixar derrotar pelo id e se deixar arrancar da realidade, é uma psicose.

[Freud fala ainda sobre as psiconeuroses narcísicas]

A existência do superego complica as coisas, diz ele, pois o superego “une em si influências originárias tanto do id quanto do mundo externo, e constitui (...) um modelo ideal daquilo a que visa o esforço total do ego: uma reconciliação entre os seus diversos relacionamentos dependentes”. Podemos presumir que há doenças que se baseiam em um conflito entre o ego e o superego, por exemplo, a melancolia, que deve ser diferenciada de “outras psicoses”. Doenças desse tipo podem ser chamadas de “psiconeuroses narcísicas”.



A fórmula fica então mais completa:

“As neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o ego e o id; as neuroses narcísicas, a um conflito entre o ego e o superego; e as psicoses, a um conflito entre o ego e o mundo externo”.

A tese, enfim, é a de que “as neuroses e as psicoses se originam nos conflitos do ego com suas instâncias governantes” – no fracasso do ego em conciliar todas as exigências feitas a ele.

Mas ela precisaria ser complementada em um ponto: **em que circunstâncias o ego pode ter êxito em emergir de tais conflitos, que estão sempre presentes, sem cair doente?**

Primeiro, o desfecho depende de considerações econômicas, isto é, da magnitude das tendências que estão lutando entre si; **segundo, deformando-se, sacrificando sua própria unidade e até mesmo, talvez, efetuando uma clivagem de si próprio**. As incoerências, excentricidades e loucuras dos homens seriam uma forma pela qual os homens “poupam a si próprio repressões”.

Finalmente: Freud se pergunta “qual pode ser o mecanismo, análogo ao da repressão [recalcamento], por cujo intermédio o ego se desliga do mundo externo”. [Isto é, Freud está postulando que deve haver um mecanismo específico da psicose, “análogo à repressão [recalcamento]”, mas diferente dele.

[Obs.: na frase seguinte a essa pergunta, há um erro na edição brasileira. Onde se lê: “Isso, penso eu, não pode ser respondido com novas investigações”; o correto é “Isso, penso eu, não pode ser respondido senão com novas investigações (...)”.

Quadro comparativo entre a neurose e a psicose para auxiliar na memorização:

	Neurose	Psicose
Origem	Uma frustração	
Conflito entre o ego e	O id	O mundo externo
Opera a serviço	Do superego e da realidade	Do Id
O que surge	Sintoma	Delírio
Mecanismo	Recalque	?